

Literatura de Santomense: uma análise nos poemas *Humanidade, Do mesmo lado da lagoa e Às mulheres da minha terra*, de Alda Espírito Santo

Larissa de Jesus Holanda Rocha – UEMA/FAPEMA
(larigeho@gmail.com)

Orientadora: Profa. Dra. Solange Santana Guimarães Morais -UEMA
(sogemorais@gmail.com)

Resumo: O arquipélago de São Tomé e Príncipe tornou-se um país independente que adotou o regime democrático há 47 anos. Seu povo resistiu por mais de 500 anos ao domínio colonial extremista e violento com aqueles que desafiaram seu poder, e após muitos anos de luta e morte, esta pequena nação finalmente encontrou sua luz e se libertou do domínio português. Nesse sentido, este trabalho busca analisar os poemas: *Humanidade, Do mesmo lado da lagoa e Às mulheres da minha terra*, de Alda Espírito Santo, visto que, esses textos poéticos há a presença de um eu-lírico comovido com a situação da população santomenses, canta as marcas históricas daquela pequena nação, sofrimentos ocasionados pelos anos de dependência do sistema colonial português e toma o discurso de resistência contra este regime para nunca haja o esquecimento de todos esses fatos que mancham de sangue a história das ilhas. A fundamentação teórica está baseada nos estudos de Crippa & Laranjeira (2018), Ferreira (1977), Mata & Padilha, 2006, Secco (2018). Alda é uma figura prestigiável no país, participou ativamente na revolta através de seus poemas e ensinando seus alunos a se desvencilharem das ideologias coloniais portuguesas, utilizou a sua melhor arma, o seu dom para a poesia, para fazer um chamamento de seus ‘irmãos’ para lutar contra as amarras do regime colonialista português que até então persistiu até 1975.

Palavras-chave: Literatura Africana; Poesia; Alda Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

Para entender a literatura africana, é indispensável compreender toda a situação histórica que possibilitou a sua origem: com as expansões marítimas no século XIV, e a dominação violenta que Portugal fez a população desses países sofrerem. Em São Tomé e Príncipe, descontentes com o colonialismo e lutando para ter uma nação independente, os grandes escritores, e principalmente através dos poemas cantavam todas as suas angústias que seus ‘irmãos’ sofreram ao longo de 500 anos e através de seus escritos, faziam o chamamento de seus iguais para participar da luta. Este artigo busca a analisar algumas características presentes nos poemas *Humanidade, Do mesmo lado da lagoa e Às mulheres da minha terra*, de Alda Espírito Santo.

O referencial teórico deste artigo foi dividido em dois tópicos. O primeiro tópico abordar uma breve abordagem sobre a literatura africana e o contexto histórico, visto que a

história de seu povo e todas as mazelas que sofreram serviram de combustível para as produções literárias e para tal explicação usou-se o embasamento dos seguintes teóricos: Bourdieu (2005), Ferreira (1977), Gonçalves (2018) e Mata (1993). E por fim, o último tópico discute a biografia de Alda Espírito Santo, uma das importantes poeta de São Tomé e Príncipe e analisa algumas trechos dos poemas *Humanidade*, *Do mesmo lado da lagoa* e *Às mulheres da minha terra*, publicados no livro *É nosso o solo sagrado da terra*, utilizando-se do aporte teórico de Crippa & Laranjeira (2018), Mata & Padilha, 2006, Secco (2018) e Santo (2010).

A LITERATURA AFRICANA E O CONTEXTO HISTÓRICO

A literatura é uma área de conhecimento bastante complexa e completa que aborda, em seu sentido mais amplo, tudo aquilo de comum ao nosso ver, como por exemplo: a vida social, a história de uma nação, costumes, algumas obras podem possuir um caráter denunciativo as mazelas sociais, memórias de um indivíduo, questões identitárias de um povo, ou seja, em textos literários são retratadas muitas situações que constroem o meio e todo aquilo que faz parte de uma sociedade. A literatura tende a persuadir, envolver, e tocar o leitor de forma sucinta e mexer com o seu eu mais profundo. O que neste sentido, para Bourdieu (2005):

Esse território literário é repleto de vozes que buscam a oportunidade de trazer para o espaço literário e social perspectivas e reflexões que tratam do seu cotidiano e das relações sociais que os inferiorizam enquanto sujeitos e de inscrevê-las no domínio dos sistemas simbólicos, como “instrumentos de conhecimento e comunicação” constituindo assim um ato de protesto e resistência (BOURDIEU, 2005, p. 90).

Como se pode observar, o campo literário trata de fatos relevantes dentro da história e sociedade, transmitindo vivências, experiências dos outros, isso tudo concatenada a maneira pela qual os autores abordam temas de seu tempo com maestria evidenciando vidas e épocas em constante movimento e transformação.

Manoel Ferreira em seu livro *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, publicado em 1997, aponta que o início da literatura africana, assim como no Brasil, ocorreu devido às expansões marítimas no século XV, “época em que os portugueses iniciaram rota da África, polarizada depois pela Ásia, Oceania, Américas” (FERREIRA, 1977, p.7). De fato, Ferreira aponta que a produção literária alvoreceu por partes dos grandes escritores e intelectuais portugueses que, em todo momento, se preocupavam em enobrecer a cultura de sua terra natal e glorificar as conquistas de Portugal durante aqueles anos de expedições

marítimas, visto que as ideologias cristãs, naquela época, aceitavam “direito à dominação, à depredação, e até à barbárie” (FERREIRA, 1977, p.8). Entretanto, com o passar dos séculos e o crescente desejo de libertação perante o colonialismo português por parte das massas populares, todo esse sofrimento que Portugal ocasionou em suas colônias, no geral, serviu de combustível para a produção literária nesses países do continente africano.

A *literatura colonial* apresentava uma concepção eurocêntrica, ou seja, tendo como personagem principal em diversos textos literários a presença do homem branco e o enredo sempre partia do ponto de vista do colonizador. Naquela época, prevalecia a supremacia e os desejos dos ‘brancos’ e o para o homem os pretos lhe restava o papel da inferioridade, dominação, coisificação e a sua animalização. Na segunda metade do século XIX, as produções literárias no continente africano sofreram modificações, agora o preto é o personagem indispensável para os enunciados, assim como todo o universo africano, uma literatura marcada principalmente pelo sentimentalismo nacional que, posteriormente, serve de combustível para o início de produções poéticas de resistência contra o progresso colonialista e, assim, surgiu a *literatura africana de expressão portuguesa*.

UMA VIAGEM PELA VIDA E POESIAS DE ALDA ESPÍRITO SANTO

A poeta Alda Neves da Graça Espírito Santo, foi professora e jornalista, nasceu no dia 30 de abril de 1926 na ilha de São Tomé, capital do Arquipélago de São Tomé e Príncipe, e faleceu, no dia 9 de março de 2010, em uma clínica de Angola, devido ao seu debilitado estado de saúde. Concluiu seus estudos primários em sua cidade natal. Sua mãe era professora, e seu pai, um funcionário dos Correios, devido aos seus trabalhos enviaram Alda, aos 14 anos de idade, para Portugal, assim, deu continuidade nos seus estudos no Colégio de Nossa Senhora da Bonança e futuramente formou-se em professora na Escola de Magistério Primário, em Vila Nova da Gaia.

Sua vida em Portugal não fora fácil, quando utilizava-se de sua língua materna, o crioulo, a população portuguesa lançava vários insultos e a obrigava ao uso do português, ou seja, o crioulo não tinha espaço nos ciclos sociais. Crippa & Laranjeira (2018) comenta que “para um filho-da-terra ascender social e economicamente, havia necessidade de aprender bem o português” (CRIPPA & LARANJEIRA, 2018, p. 254). De acordo com Inocência Mata (2006), desde cedo, Alda começou a escrever poemas, entretanto no ano de 1946, sua poesia é reconhecida em uma reunião informal, na companhia de familiares e amigos.

Mata (2006) comenta que a poeta era:

Preocupada com a questão colonial, Alda Espírito Santo cedo irá sofrer as limitações impostas pela polícia política portuguesa: ainda em Portugal foi detida pela PIDE. Mais tarde, já em liberdade, foi-lhe imposta “residência fixa”, um expediente a que recorrem os regimes ditatoriais para “controlarem” as figuras consideradas incômodas. De regresso definitivo ao seu país natal, em fins dos anos 60, para exercer o magistério primário, continuou a assumir uma postura sempre incômoda quer no exercício de sua actividade docente, como professora do ensino primário, quer ainda como cidadã atenta à questão colonial. Valeu-lhe a perseguição da polícia política, tendo-se tornado bastonária da defesa dos valores culturais são-tomenses (MATA & PADILHA, 2006, p. 12).

Ainda nesse contexto, Mata (2006) comenta que Alda foi considerada a luz para muitos jovens, a poeta, de forma clandestina, escondida e sem que a polícia portuguesa percebesse, organizava saraus culturais em sua residência, emprestava-lhes livros, os orientava esses jovens em suas leituras, discutia com eles e incentivava-os em seus estudos.

De acordo com Crippa & Laranjeira (2018), retornou a São Tomé, no ano de 1953 e:

a sua atuação não se prenderia somente com a necessidade de emancipação da população santomense, mas tornar-se-ia uma figura presente na vida política e social do seu país, uma distinta autoridade nacional. Na esfera cultural, Alda Espírito Santo é um nome emblemático da poesia africana (escrita em língua portuguesa) e dos nacionalismos africanos, (re)conhecida e valorizada pelo ativismo na militância política e por ter sido uma das raras mulheres na liderança da resistência dentro e fora de São Tomé e Príncipe (CRIPPA & LARANJEIRA, 2018 p. 255).

Alda foi uma grande figura da resistência cultural e uma personalidade importante para a história das ilhas, após a independência do país em 1975, e, também, sendo membro do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe – MLSTP, partido político que governou o país durante 16 anos, assim ocupou vários cargos sucessivos no governo, entre os quais os de Ministra da Educação e Cultura, Ministra da Informação e Cultura Popular, Presidente da Assembleia Nacional. Foi presidente da União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe - UNEAS, fundada em setembro de 1986, dedicando-se ao incentivo e autonomização da atividade artística, literária e cultural no país. Também foi presidente da Liga dos Escritores dos Cinco – LEC. Compôs em 1975 a letra do Hino Nacional de São Tomé e Príncipe, intitulado “Independência Total”. Foi uma grande representante no levante contra o regime colonial liderando homens e mulheres santomenses na luta pela libertação imperialista. Em 1996, tornou-se presidente do fórum das Mulheres de São Tomé e Príncipe (FMS).

Como poetisa, publicou em diversas antologias, e é autora dentre outras, da obra *É nosso o solo sagrado da terra* em 1978. Esse livro compõe-se poemas escritos nos anos de 1950 a 1970. Secco (2018) comenta que a poética encontrada nessa obra organiza em torno de dois eixos:

um que se estrutura sob a forma de veemente protesto à opressão colonial e à escravidão que mancharam de sangue a história de São Tomé; outro que se manifesta por intenso clamor e incitação à reconquista do solo pátrio, à valorização do caráter nacional (SECCO, 2018, p. 282).

Alda Espírito Santo é, até os dias de hoje, uma das mais importantes nas Literaturas Africanas de autoria feminina na busca dignificar a história de sua pátria, de sua gente, a preocupação com o seu povo, com sua consciência política, e, também, escrevendo a resistência de seus iguais e sua importante participação, para que não mais se apaguem sua jornada de luta. Nessa mesma perspectiva, Mata (2006) declara que:

os poemas escritos antes de 1975, ano da independência política do país, constroem uma semântica subterrânea, própria de uma escrita subversiva, clandestina, que configura tanto o apelo de adesão à causa dos oprimidos(o colonizado/ a Mulher – irmã, avó/ o contratado/ o angolar), como a denúncia da repressão colonial, de que são já emblemáticos os seus tantas vezes (re)citados poemas “Onde estão os homens caçados neste vento de loucura?” e “Trindade”, referindo os massacres de 1953, já ao panfletarismo poético: encômio à “vitória consumada”, à reconstrução nacional, à(s) ideologia(s) perfilhadas(s), a heróis ou figuras heroicizadas africanas e à cultura como fazedora de nacionalidade (MATA & PADILHA, 2006, p. 15).

Alda Espírito Santo (1978), no sentimento de mobilização do povo africano pela independência, na obra *É nosso o solo sagrado da terra* constrói uma escrita de protesto e luta refletindo através do espírito nacional a realidade do povo, inscrevendo a mulher negra africana na luta pela independência. O solo sagrado da terra é uma contribuição da identidade sociopolítica e cultural do país insular na encruzilhada das rotas atlânticas, “ao processo imparável da humanidade no sentido de romper as contradições que situam os povos no combate sem tréguas para se situarem <<no mesmo lado da canoa>>” (SANTO, 1978, p. 10). No poema *Humanidade*, o eu-poético exprime seus anseios diante a posição de seus iguais perante a dominância e supremacia dos outros que são diferentes do seus. Também pode-se identificar um discurso de resistência que possibilita o não esquecimento dos muitos combates contra os sofrimentos do povo preto, ao dizer:

No ciclo da existência
E no compreender,
Compreender
Que todos os seres vivos
São iguais,
No nascimento na morte
E nas estruturas físicas
Que compõem a humanidade
Nesse dia, será uma festa eterna
E o sol
Rodará finalmente
[...]
será então dar finalmente vida real a todos os seres
[...]
(SANTO, 1978, p. 46).

Consequentemente, Alda alimenta o levante do grito silenciado pelo regime colonial, “para que unido à revolução do povo negro, em especial a mulher preta a partir da resistência se aproprie da libertação” (SANTO, 2010, p. 16). No pensamento desta autora, o povo africano, deveria viver também o ardor da luta pela libertação nacional. Por isso, a poeta participava ativamente do combate, em que para ela, o poema da terra significava a peleja do canto de afirmação no mundo dos homens na pátria africana.

Para Alda Espírito Santo, no terreno da luta e no levante popular, os companheiros deveriam agarrar em suas mãos os problemas sociais da dominação para juntos, na mesma luta desmistificarem os serranhos do aprisionamento colonizador. De forma que Santo (2010, p.19) dialoga: “os cânticos de revolta jorram uma mensagem da unidade identificada na causa comum, onde o povo e as mulheres africanas partam em marcha para a revolução”.

Mata & Padilha (2006) refletem que:

Na visão da escritora, portanto, as mulheres ao mesmo tempo são agente de transmissão da cultura e de uma história que se repete e pela qual se marginalizam duplamente, dada a forma como tal história se narrativiza, ou seja, como branca, machista e patriarcal. Ao compor o quadro estético da privação, é uma demanda natural o voltar-se para os corpos iguais, envolvendo-os em afetividade e muita, muita ternura. A insubordinação cede lugar ao afeto, que também acabar por semear-se no campo arado de sua poesia (MATA & PADILHA, 2006, p. 26).

Em particular, a poeta santomense trata de reavivar a apropriação do lugar de habitação do corpo e da fala e da representação social e política da mulher africana para que ela mesma menina, moça e mulher preta reconheça seu espaço, e ocupe o seu lugar. Alda escreve: “*Vejo a África em busca de seus filhos, vejo-a a pedir vida, a chorar longe. Pra você eu deixo o canto da Terra. Esse cantar de esperança... Deixo-o em busca da mensagem da Raça*” (SANTO, 2008, p. 57). Conforme Monteiro (2001),

Alda Espírito Santo “busca reanimar e reivindicar seu lugar como mulher africana e, assim, ao chamar a mulher africana para reconhecer seu espaço”, faz um chamamento também para todos os africanos se armarem de protesto para a luta, não de arma, sim de voz, fala e resistência (MONTEIRO, 2001, p. 51).

Nesse direcionamento, Alda no excerto do poema *Do mesmo lado da canoa*, diz:

É assim que eu te falo,
meu irmão contratado numa roça de café
meu irmão que deixas teu sangue numa ponte
ou navegas no mar, num pedaço de ti mesmo em luta
[...]
Neste lado da canoa, eu também estou irmão,
na tua voz agonizante, encomendando preces, juras, maldições.
Estou aqui, sim, irmão
Nos nozados sem tréguas
onde a gente joga
a vida dos nossos filhos.
Estou aqui, sim, meu irmão
no mesmo lado da canoa
(SANTO, 1978, p. 77).

Alda, portanto, estende a mão ao seu igual propondo que há um lugar, onde todos tentem novamente o pertencimento a uma mesma terra. A autora toma o discurso de resistência contra o regime colonial para nunca haja o esquecimento dos muitos combates contra os sofrimentos do povo preto.

Crippa & Laranjeira (2018) esclarecem:

Alda Espírito Santo apresenta em sua escrita uma “poesia engajada, combativa e de cariz nacionalista, de denúncia, protesto e reivindicação, que se afirma como uma (re)definição da identidade e da cultura, neste caso em particular, da identidade e da cultura caracterizadas pela santomensidade, que pode ser entendida como discursos socioculturais da nacionalidade em formação, fundamentação e solidificação comunitária (CRIPPA, & LARANJEIRA, 2018, p. 249).

No poema *Às mulheres da minha terra*, Alda o escreveu quando ainda residia em Portugal. Em sua primeira estrofe, o eu-poético lamenta por não utilizar o “crioulo cantante” (SANTO, 1978, p. 81) para falar com a suas irmãs, entretanto, recorre ao “idioma emprestado” (SANTO, 1978, p. 81), para demonstrar seus anseios por sua terra, assim, revelando a situação através de simples frases a supremacia que o domínio português exercia em todos os polos desse pequeno país, devido aos recorrentes preconceitos que circulam na sociedade portuguesa sobre a língua crioula e a condição de submissão que São Tomé e

Príncipe sofria de Portugal, que até então era uma colônia. Crippa & Laranjeira (2018) explica que a língua do colonizador é o veículo de expressão da poeta santomense, “da militante ativa dos movimentos de libertação, da camarada revolucionária conta a repressão do sistema colonial” (CRIPPA & LARANJEIRA, 2018, p. 254). Cada verso traduz uma consciência pós-colonial do fazer poético para uma escrita de ressignificação, alertando para uma luta coletiva de todas as mulheres no sentido de dizerem-se, e, também, soltarem a palavra engasgada na opressão imposta à mulher preta que desde a escravatura.

Irmã, a nossa conversa é longa.
E longa a nossa conversa.
Através destes séculos
De servidão e miséria ...
E longa a estrada do nosso penar.
Nossos pés descalços
Estão cansados de tanta labuta
O dinheiro não chega
Para vencer a nossa fome
Dos nossos filhos
Sem trabalho
Engolindo a banana sem peixe
De muitos dias de penúria
(SANTO, 1978, p. 82).

Em todo o poema, o eu-lírico canta todos os sofrimentos que suas iguais sofrem desde a escravatura, largadas na miséria devido à dependência de Portugal, cansadas de tanto trabalhar penosamente, para dar sustentos aos seus filhos, sem falta de dinheiro, obrigadas ao sofrimento, sem ter alimentos decentes para seus filhos. Ao longo do texto poético, faz menções a de várias mulheres da classe trabalhadora de São Tomé e Príncipe, sempre exercendo a sua atividade de forma informal: lavadeiras nos rios, lavando roupas, vendedoras, mães cuidando de seus filhos, etc. Alda Espírito Santo também, na poética de denúncia, aborda a participação desta mulher na constituição de um lugar representativo para o exercício do poder da voz. Em seu universo poético, Alda fala abertamente em seus escritos da classe trabalhadora santomense, ou seja, ela caracteriza em seus poemas esses sujeitos subalternizados, trabalhando constantemente para que os filhos tenham que comer.

Para Alda Espírito Santo (2010) afirma: É somente através da consciência negra, da afirmação de sua identidade como mulher negra que se vê possível a quebra das amarras da alienação racial, do internalizado pela nossa sociedade patriarcal (SANTO, 2010, p. 43).

Conforme Padilha (2006):

Com seu olhar ao mesmo tempo insubordinado e solidário, Alda Espírito Santo denuncia, em estado de guerra, tudo que naquele momento pudesse impor obstáculos ao seu caminhar em direção à liberdade que não admitia mais qualquer forma de adiamento. Por isso, mobilizou-se, e seu corpo, soltando as chamas de sua voz inconformada que continua, a soar, em nossos ouvidos-leitores, com a pureza do som dos cristais, muito embora ela não abdique, nunca, de marcar essa voz, igualmente, com a força do bronze e de seu duro ressoar (MATA & PADILHA, 2006, p. 27).

Considerando, portanto, a luta destas mulheres contra suas condições marginalizadas, a autora em seus poemas trata de discutir a participação feminina ao tornarem-se portas vozes de outras mulheres no engajamento por uma representação e afirmação identitária negra feminina ao tornarem-se portas vozes de outras mulheres no engajamento por uma representação evidenciando as feridas ainda abertas da marginalização e preconceitos históricos contra a mulher, principalmente contra as mulheres pretas.

Conforme Padilha (2006):

Com seu olhar ao mesmo tempo insubordinado e solidário, Alda Espírito Santo denuncia, em estado de guerra, tudo que naquele momento pudesse impor obstáculos ao seu caminhar em direção à liberdade que não admitia mais qualquer forma de adiamento. Por isso, mobilizou-se, e seu corpo, soltando as chamas de sua voz inconformada que continua, a soar, em nossos ouvidos-leitores, com a pureza do som dos cristais, muito embora ela não abdique, nunca, de marcar essa voz, igualmente, com a força do bronze e de seu duro ressoar (MATA & PADILHA, 2006, p. 27).

Considerando, portanto, a luta destas mulheres contra suas condições marginalizadas, a autora em seus poemas trata de discutir a participação feminina ao tornarem-se portas vozes de outras mulheres no engajamento por uma representação e afirmação identitária negra feminina ao tornarem-se portas vozes de outras mulheres no engajamento por uma representação evidenciando as feridas ainda abertas da marginalização e preconceitos históricos contra a mulher, principalmente contra as mulheres pretas.

CONSIDERAÇÕES

Após cinco séculos de um violento sistema colonial que segregou e deixou marcas históricas irreversíveis e o que sobrou para a maioria cidadãos santomenses foi o sofrimento e a miséria, contudo, todos esses fatos inspiraram os poetas, que usufruíram de todas essas aflições, para poetizar, característica não pertencente somente a Alda Espírito Santo, como

também outros grandes escritores, como Francisco José Tenreiro, Francisco Stockler, Caetano da Costa Alegre, Carlos Espírito Santo, Sum Nhana e Maria Manuela Margarido.

Também pode-se perceber o quão importante Alda Espírito Santo é para São Tomé e Príncipe, mesmo pertencendo a elite do país, ela conseguiu estudar em Portugal, sofreu preconceito e racismos longe de casa, entendeu a importância do Crioulo, sua língua materna, em terras estrangeiras, mas usufruiu de um idioma emprestado para que sua mensagem atingisse todos, pois a luta pela independência não era somente de seu país natal, mas de todos os países africanos que lutaram contra o colonialismo.

Nos poemas de Alda Espírito Santo, pode-se notar a existência de um sujeito revolucionário, sempre querendo se comunicar com aqueles desprovidos de qualquer direito, sejam elas mulheres, crianças e homens que na luta morriam como animais em uma caçada. Alda, também, fala das belezas encontradas por toda as ilhas, que apesar de tão bonitas, se tornam vermelhas de tanto sangue derramado nas revoltas. Em seus poemas percebe-se a busca de uma identidade de seu povo. De fato, Alda é uma figura prestigiável no país, participou ativamente na revolta através de seus poemas e ensinando seus alunos a se desvencilharem das ideologias coloniais portuguesas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 4.ed. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2005.

MATA, Inocência; SILVA, Agnaldo Rodrigues da (org).**Trajectórias Culturais e Literárias da Ilhas do Equador**: estudos sobre São Tomé e Príncipe. Campinas: Pontes Editores, 2018.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (org.). **A poesia e a vida**: homenagem a Alda Espírito Santo. Lisboa: Colibri, 2006.

MONTEIRO, Maria Rosa da Rocha Valente Sil. C.E.I. **Celeiro do sonho**: geração da mensagem. 2001. 365 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras e Ciências Humanas, Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Universidade do Minho, Braga – Portugal, 2001.

SANTO, Alda Espírito. **É nosso o solo sagrado da terra**: POESIA de protesto e luta. São Tomé e Príncipe: Ulmeiro, 1978.